

# GUERRA JUNQUEIRO

## A SUA MORTE

A's 6 horas da manhã expirou o grande poeta Guerra Junqueiro. Muito maior Poeta do que politico, o portuguez illustre cuja alma está agora junto de Deus, para o Supremo Julgamento, deixou nas paginas de bronze das suas obras traços de genio, o que é mais do que ter affirmado um talento brilhante e uma alta inspiração. Não é, n'este momento, quando o seu corpo ainda aguarda que o levem para o repouso perpetuo no fundo d'uma sepultura, que pode exercer-se friamente sobre a obra de Guerra Junqueiro a critica que, aliás, já foi feita, e ainda recentemente sobre ella exerceu, com severidade, a penna erudita do illustre director d'*A Epoca*.

Hoje queremos, apenas, ao registar com pezar o desaparecimento d'esta magna figura das letras portuguezas, prestar ao Poeta, que era de todos agora, em Portugal o Maior, aquella homenagem de apreço e de respeito que os dissentiamentos politicos não devem impedir que lhe tributemos.

Acabou esta manhã o grupo glorioso dos *Vencidos da Vida!* Porque a elle pertencia Guerra Junqueiro, o unico que, depois da morte do Conde de Sabugosa, ainda ficára n'este mundo.

N'esse tempo o dr. Abilio Guerra Junqueiro, elegante, distincto, muito apurado no trajo, recém-vindo da Universidade de Coimbra, onde se formára em Direito, convivia com a sociedade aristocratica e militava na politica monarchica, onde foi governador civil e deputado, eleito por Moçambique, pelo partido progressista, onde se filiára.

A evolução litteraria e politica do seu espirito deu-se mais tarde, e accentuou-se por occasião do *ultimatum*.

Esqueçamos, por piedade christã, o que então fez e que teve no tragico terremoto moral e politico do nosso paiz uma influencia terrivelmente perniciosa.

Na morte a indulgencia é um dever da consciencia catholica...

Passou a combater a Monarchia e, nas suas obras, elle, no fundo um crente, foi um irreverente demolldor da Fé. Mas a republica — onde nem foi Presidente, nem parlamentar e, apenas diplomata de curta carreira — não foi a dos seus sonhos e ha muito já d'ella se desilludira, e a sua consciencia nunca supportou o que muitos julgaram vêr no deista convicto uma profissão d'atheismo.

Se não abjurou dos principios republicanos, não perdeu occasião de mostrar a sua descrença profunda, talvez o seu remorso pungente, pela obra de lesa-patria que ajudára a construir.

Quanto á religião, as suas declarações recentes e que se tornaram publicas, se não observaram todas as formulas d'uma conversão regular ao catholicismo, mostraram exuberantemente que o Poeta reingressára na Fé immaculada e pura que illuminára outr'ora o seu privilegiado espirito.

D'essa conversão de Junqueiro e até da sua submissão final á Igreja Catholica são prova decisiva as expressas determinações que repetidas vezes, nos ultimos dias, fez á familia, para que o seu funeral fosse rigorosamente catholico, recusando as honrarias que quizessem prestar-lhe e prohibindo os discursos, em que certamente se exaltaria o que da sua obra queria agora esquecer.

Nas abobadas sagradas da basilica da Estrella, onde jaz a piedosa Rainha D. Maria I, vae agora entrar, sob a guarda do Senhor, o corpo de Guerra Junqueiro antes de descer ao tumulo!

Imperscrutaveis designios de Deus!

Não queremos deixar de recordar, ainda, n'esta hora luctuosa, a nobre attitude que tomou Guerra Junqueiro na questão da *amnistia*, pondo o seu nome á frente do movimento iniciado no norte a favor d'ella e promovido, com o poderoso auxilio do *Primeiro de Janeiro*, pela gloriosa figura de Anthero de Figueiredo.

Já anteriormente, com os vencidos monarchicos do Porto, adoptára Guerra Junqueiro, defrontando a plebe demagógica, com altiva coragem, uma nobre attitude que devemos hoje pôr em relêvo.

Tomou-a, em especial, com o seu velho amigo pessoal conselheiro Luiz de Magalhães, a quem não abandonou no carcere, attestando, até no julgamento, a sua leal correção politica e pessoal.

Tambem lembraremos — por que foi notavel — a campanha brilhantissima que fez Guerra Junqueiro, a favor da bandeira azul e branca depois da proclamação da republica.

O respeito pela tradição, o culto esthetico que não podia apagar-se pela paixão sectaria na sua alma d'Artista, e tambem a visão politica, conjugaram-se n'elle animando-o a sustentar essa campanha, pela palavra e pela penna, em pleno periodo revolucionario...

No mez de Novembro de 1910 Guerra Junqueiro promoveu a realisação d'uma exposiçào interessantissima das antigas bandeiras portuguezas na Sociedade de Geographia, apresentando ali o seu projecto da bandeira republicana, ainda então não decretada: seria a mesma bandeira azul e branca, da Monarchia, com as quinas portuguezas, só substituida a corôa real por uma constellação.

A turba jacobina insurgiu-se contra essa bandeira, impoz as côres verde-rubras e n'esse sentido veiu a pronunciar-se a commissão a que presidia o sr. João Chagas e de que foi relator Abel Botelho, concluindo por propôr a bandeira actual... depois de ter largamente demonstrado no proprio relatorio a preferencia a dar ás côres azues e brancas! O primeiro grande erro politico da republica, erro fundamental e irreparavel, foi esse!

Pouco depois praticava ella o segundo formidavel erro: a lei da separação!

Guerra Junqueiro morre não já no apogêo da sua gloria litteraria, pois a doença ha muito tempo o invalidára para o trabalho, tendo-se nos ultimos annos, mais devotado á cultura da Terra, até que das suas propriedades de Barca d'Alva desceu, já tocado pela morte, para o Porto, d'onde veiu, já condenado pela sciencia, acabar em Lisboa os seus dias. Desapparece quando as mais densas sombras estão nublando os horisontes de Patria que muito amou.

Deixa nas letras portuguezas um logar vago e que se não supprirá: mais falta lhes faz do que á politica, da qual estava já irreductivelmente affastado, não poupando, nos seus epigrammas lapidares, os infinitamente pequenos tornados immensamente grandes e que via, com desgosto e com tédio, tomarem conta do paiz, precipitando-o... na ruina e na anarchia. Como José Sampaio (*Bruno*), como Basilio Telles, entrára Guerra Junqueiro enfileirára na grande legião dos desilludidos. A Morte deve ter-lhe sido a libertação!

Junto do leito mortuario onde repousa agora o insigne Poeta, inclinamo-nos com piedoso respeito e para a sua alma immortal supplicamos a infinita misericordia do Senhor!

(Vêr noticias e informações na 2.<sup>a</sup> pagina)

O ATTENTADO D'HOJE  
**As bombas na Boa-Hora**

LÊR NA 2.<sup>a</sup> PAGINA

# Guerra Junqueiro

## A morte—Os funeraes

O sr. Abilio Guerra Junqueiro morreu, cêrca das 6 horas da madrugada, socegado e tranquillo como um justo e de olhos fitos em Deus, assistindo aos seus ultimos momentos sua filha sr.<sup>a</sup> D. Maria Izabel.

\* \* \*

Por determinação expressa e repetida do finado, que a familia tem o desejo de acatar e cumprir, o seu funeral será religioso e modesto, sem corôas nem flores e sem discursos á beira da campa.

\* \* \*

O cadaver do grande poeta encontra-se exposto em camara ardente, em casa de seu genro sr. dr. Mesquita de Carvalho, devendo, amanhã, pelas 5 horas da tarde, ser trasladado para a Bazilica da Estrella, após a encomendação do ritual pelo rev. prior d'aquella freguezia.

\* \* \*

As primeiras pessoas que apresentaram condolencias em casa do sr. dr. Mesquita de Carvalho, até ás 3,30 horas da tarde, foram os srs. Jayme Athias, em seu nome e do chefe do Estado, Magalhães de Lima e Antonio Maria da Silva.

\* \* \*

O sr. presidente do ministerio conferenciou largamente com o sr. dr. Mesquita de Carvalho constando que o funeral do auctor das «Orações» será feito a expensas do Estado, por decreto do Parlamento.

\* \* \*

Guerra Junqueiro já no caminho d'uma profunda conversão religiosa e politica, estava trabalhando na revisão da *Patria*, edição que não deixará decerto de publicar-se com os larguissimos côrtes que lhe fez o Poeta, excluindo d'alião que consta tudo o que de mais irreligioso ou de atrabiliario, no ponto de vista politico, se continha na sua obra.